

Primeiras equipes iniciam treinamento

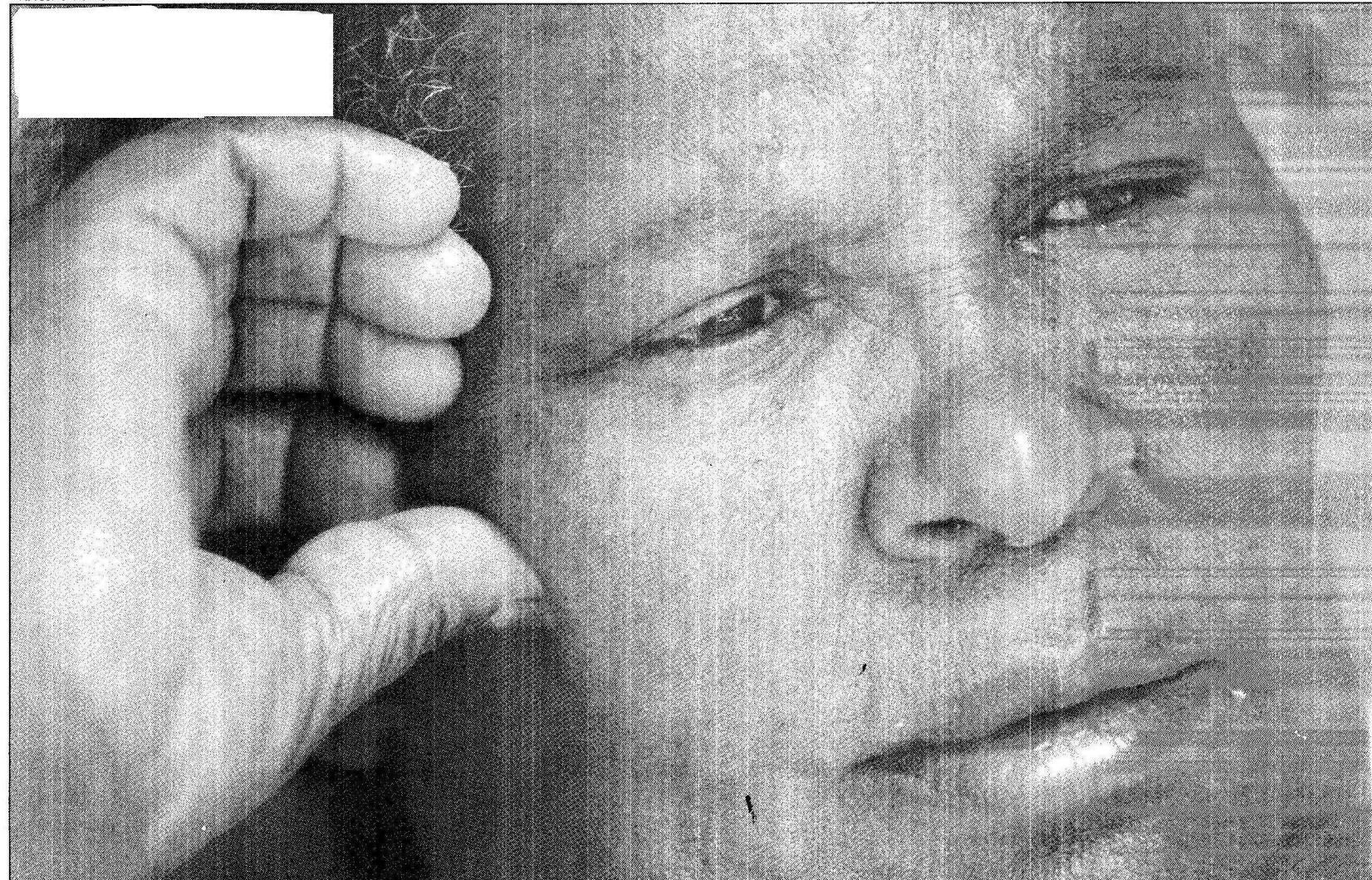
Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Aumento considerável no número de atendimentos — e nas filas — dos centros de saúde e hospitais. Impossibilidade de se cumprirem exames de sangue e raio-x, por exemplo. Piora nas doenças devido à dificuldade em se marcar consultas. Pedidos de pagamentos das rescisões e indenização de demitidos. Tudo junto resultaria em um desmantelamento do sistema de saúde pública do Distrito Federal? Sim, se quem responde são os doentes que recorriam ao programa Saúde em Casa, extinto em 14 de fevereiro último. Outra vez sim, se responde um dos 3.300 funcionários do programa demitidos que reclamam do pagamento dos direitos trabalhistas. E não, se a pergunta for respondida pelo secretário de saúde do GDF, Jofran Frejat.

Com o início do treinamento de 300 profissionais de vinte equipes de saúde e dez de saúde bucal, Frejat lançou ontem o Saúde em Família, no lugar do Saúde em Casa. Cada equipe do novo programa — um médico, um enfermeiro, três auxiliares de enfermagem, cinco agentes comunitários de saúde e um auxiliar de serviços gerais — cuidará de mil famílias. Já a equipe de saúde bucal (um dentista, um técnico em higiene dental e um auxiliar de consultório) cuidará de duas mil famílias.

Tudo muito bom, muito bem. Mas não é o que sentem as pessoas que recorriam ao antigo programa. Eles querem mesmo é ter médico e enfermeiros na porta de casa. Assim pensa a dona-de-casa Iraídes Inácio da Silva, 59 anos. Cardíaca, diabética e com pressão alta, era figurinha carimbada na sede do Saúde em Casa na QNO 18, Expansão do Setor O. Ia ao local diariamente. Para medir a pressão e a taxa de glicose. Quando não tinha forças para se levantar do sofá recebia a equipe em casa. Bons tempos. "Cuidavam de mim. Espero que esse Saúde em Família me ajude. Eles podiam montar uma

Wanderlei Pozzembom



Iraídes da Silva, de 59 anos, é uma das pacientes que pedem um acompanhamento mais próximo das equipes de saúde pública: infarto na semana passada

equipe aqui", diz a mulher que mal pode andar e que recebe broncas dos médicos do Hospital Regional de Ceilândia quando vai, de ônibus, às consultas.

Iraídes teve um infarto na semana passada. Foi parar no HRC. "Quase morri. Se colocarem as equipes do novo programa longe de casa, vou morrer", reclama a dona-de-casa que diz ter vizinhos com problemas. Doentes que podem começar a receber cuidados a partir de 7 de junho, quando começa o atendimento domiciliar do Saúde em Família. Na primeira etapa, o programa vai cobrir 12 cidades (Ceilândia, Recanto das Emas, Gama, Riacho Fundo, Pla-

naltina, Brazlândia, Sobradinho, Paranoá, Santa Maria, Samambaia, Taguatinga e São Sebastião).

EX-FUNCIONÁRIOS

Em 14 de junho, novo treinamento, de duas semanas, começa. Dessa vez, com trinta equipes de saúde e 15 de saúde bucal. "Vamos montar 170 equipes até o fim do ano, com 2.274 profissionais. Queremos desafogar o atendimento nos hospitais", disse o secretário. Os critérios para as contratações foram currículos e entrevista em que os candidatos tiveram que comprovar seu "compromisso com a saúde do brasiliense". "Vamos receber repasse mensal de

R\$ 700 mil do Ministério da Saúde." A idéia é não gastar com os aluguéis, o que fazia o antigo programa. "Vou economizar R\$ 150 mil mensais assim", acredita.

E quanto à dívida com os funcionários do antigo programa? "É um acordo entre governo e Instituto Candango de Solidariedade (ICS). Um direito que têm, mas que não compete à secretaria resolver." Segundo Frejat, são devidos R\$ 10 milhões aos ex-funcionários do Saúde em Casa. Uma parte desse quinhão ainda não foi paga à ex-agente comunitária de saúde, Ana Lúcia Melo, 30. Ela trabalhou 225 dias no programa, em uma casa na QNL 30, em Ta-

guatinga. E ganhava R\$ 305,00 mensais, mais tíquetes-alimentação. Foi mandada embora. Sem direito a pagamento da rescisão, multas ou indenização. "Um dia, um funcionário da Secretaria de Saúde me disse que o programa tinha acabado. Só recebi metade dos dias de fevereiro."

Inconformada, entrou na Justiça. "Só deram baixa na carteira e liberaram o FGTS", diz Ana Lúcia, que está desempregada. Ela ainda recebe visitas de vizinhos que pedem conselhos, orientação e questionam sobre a volta do programa. Voltar ele volta, mas com outro nome, menos profissionais e menos postos de atendimento.